



Elementar, meu caro Watson

James Watson, co-autor da descoberta da estrutura do DNA, que lhe conferiu o Nobel de Medicina em 1962, recebeu severas críticas da comunidade científica internacional, depois de sua declaração considerada simplista, racista e tendenciosa, que o negro é menos inteligente que o branco.

Caso ele tenha se atrapalhado na tentativa de dizer que o desempenho do empregado negro é inferior ao do branco, complicou-se ainda mais, porque o conceito de inteligência ligada à raça é um campo perigoso e escorregadio para disparar um assunto de qualquer calibre, pois não há consenso e nem sustentação científica pelo pouco se conhece, ainda, sobre o código genético humano, de que um par conhecido de genes determine a pigmentação da pele e seus efeitos na cognição, na intelectualidade, sem que haja a influência do meio, apesar dos avanços enriquecidos pela inteligência de Watson.

Sabe-se que os humanos têm genes bem próximos aos do chimpanzé, do camundongo e da minhoca, porém, boa parte deles difere dessas espécies, justamente pelo seu especis-

mo, de sua afinidade com o racismo e sexismo, sempre intencionado em criar seu modelo à parte, a eugenia, o da raça pura de indivíduos altos, saudáveis, de cabelos loiros e olhos azuis.

Mas é da mistura da grande variabilidade genética que surgem os mais bem adaptados, os selecionados para viverem em ambientes hostis, inóspitos, mostrando que o homem é um ser transgênico intraespecífico por natureza.

Só basta saber de Darwin, se esta descendência rústica, resistente às adversidades, dentro do evolucionismo, está atrelada à inteligência ou à esperteza, à safadeza. Se for pela safadeza, não há como confundir uma situação histórica e social africana, colonizada de forma rudimentar por parte dos europeus, com sua situação biológica. Seus descendentes, caro Watson, já nascem ausentes de tudo, submetidos a tudo, à exploração, à miserabilidade, fome, doenças, racismo e descaço pela sociedade atomizada.

No Brasil existem bolsões de miseráveis, de marginalizados, esfomeados, sob teto precário, sem saúde e educação, e nem recebem as três refeições

diárias prometidas pelo atual presidente. São indivíduos selecionados pelos políticos e governantes de genes demagógicos, oportunistas, calhordas e corruptos, os maiores criminosos na história deste país, que se proliferam, demasiadamente, pelo instinto de preservação da espécie.

Mas, se os genes influenciam aptidões intelectuais e a subnutrição compromete o futuro, os criacionistas devem explicar melhor que Darwin.

James Watson é um cientista de laboratório, ligado à bioquímica e biologia molecular, mas sabe pouco sobre o comportamento e ecologia humana e, menos ainda, sobre a desigualdade entre os povos, diante de uma mescla de genes recessivos que dificulta definir o conceito de raça.

Se Watson descobriu a dupla hélice do DNA, quem sabe surja a terceira, com indivíduos mais evoluídos espiritualmente, na frequência exata do respeito, da sonhada igualdade social, da interação de todas as espécies.

*João O. Salvador é biólogo
salvador@cena.usp.br*